

QUAL É O STATUS TIPOLOGICO DA CONVERSAÇÃO?

Luiz Carlos Travaglia¹

Gil Negreiros²

Resumo: Num momento em que importa discutir ou examinar conceitos e critérios de análise dentro da Linguística Textual e da Análise da Conversação, este trabalho pretende discutir um pouco mais sobre o status tipológico da conversação, buscando respostas para perguntas como: a conversação é um tipo de texto? Um gênero? Ou apenas uma atividade de língua sem constituir um tipo ou um gênero em especial? Como tratar os casos de gêneros delimitáveis dentro da conversação e a tipificação do que sobra ou do que não é identificável como um gênero corrente ou pelo menos ainda não identificado como tal? A base teórico-metodológica para instrumental de análise é baseada na proposta tipológica feita por Travaglia ([2003]/2007, 2007a, 2009) sobre as categorias de textos divididas em quatro naturezas distintas, denominadas de *tipelementos* (tipos, subtipos, gêneros e espécies), bem como o que propõem Travaglia et al. (2013) sobre gêneros orais e Travaglia (2007b) sobre a composição de gêneros pelos tipos, em que se pode ter três diferentes categorias de relações entre os tipos que estão compondo o gênero: conjugação, fusão ou intercâmbio. Nosso corpus será constituído de diálogos entre dois ou mais informantes. Tendo em vista a dificuldade de obtenção de gravações secretas de conversações espontâneas, está sendo analisado o inquérito 343 do projeto NURC/SP. Os resultados demonstram, preliminarmente, que a conversação pode ser considerada como uma atividade de uso da língua, que é realizada por meio de vários gêneros.

Palavras chave: Tipologia textual. Conversação. Tipos. Gêneros.

Abstract: At a time when it is important to discuss or examine concepts and criteria of analysis within Textual Linguistics and Conversation Analysis, this paper intends to discuss a bit more about the typological status of the conversation, seeking answers to questions such as: is conversation a type of text? Is it a genre? Or it's just a language activity without being a particular type or genre? How to deal with cases of delimitable genres within the conversation and the typing of what is left over or what is not identifiable as a current genre or at least as yet unidentified as such? The theoretical-methodological basis for analytical instruments is based on the typological proposal made by Travaglia ([2003] / 2007, 2007a, 2009) on the categories of texts divided into four distinct natures, called *tipelementos* (types, subtypes, genera and species), as well as those proposed by Travaglia et al. (2013) on oral genres and Travaglia (2007b) on the composition of genres by types, in which there can be three different categories of relationships between the types that are composing the genre: conjugation, fusion or interchange. Our corpus will consist of dialogues between two or more informants. Considering the difficulty of obtaining secret recordings of spontaneous conversations, the 343 survey of the NURC/SP project is being analyzed. The results show, preliminarily, that the conversation can be considered as an activity of using the language, which is carried out through several genres.

Keywords: Textual typology. Conversation. Types. Genres.

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. lctravaglia@ufu.br

² Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. gil.negreiros@ufsm.br

Preliminares

Num momento em que importa discutir ou examinar conceitos e critérios de análise dentro da Linguística Textual e da Análise da Conversação, acredita-se que seja bastante pertinente discutir um pouco mais sobre a conversação, particularmente sobre seu status tipológico, buscando resposta para perguntas como: a conversação é um tipo de texto? Um gênero? Ou apenas uma atividade de língua sem constituir um tipo ou um gênero em especial?

Quando se fala de conversação, todos se lembram de aspectos já estudados como a questão dos turnos, da tomada de turnos, da cessão de turnos, sequências de abertura, desenvolvimento e fechamento que constituem um esquema estrutural amplo (uma superestrutura?) da conversação, além, é claro, dos aspectos que regem a sintaxe conversacional, como, por exemplo, as repetições e paráfrases, as rupturas e os anacolutos, as pausas preenchidas ou “vazias”, os silêncios, as hesitações, as correções e reparações, a sobreposição ou não de falas, os parênteses, os relevos pela altura da voz, os chamados marcadores conversacionais, os pares adjacentes (como pergunta e resposta, convite – aceitação/recusa, cumprimento-cumprimento, etc.¹), as questões tópicas organizacionais.

Todavia pouco se disse sobre como a conversação deve ser vista dentro da questão tipológica. O único estudo que trata da questão parece ser o de Adam (1993), ao propor a conversação como um dos cinco tipos de sequência textual ao lado das sequências descritiva, narrativa, explicativa e argumentativa, na verdade com o nome de sequência dialogal.

Ao analisar conversações o que se tem observado é que elas são compostas por trechos descritivos, narrativos, dissertativos e injuntivos em conjugação, e estes, com frequência, em fusão com o argumentativo². É comum encontrar em conversações a realização de gêneros que podem ser isolados tais como: receitas de cozinha; orientações sobre como fazer algo; narrativas de experiência de vida; casos; resumos de filmes, novelas, livros; pedidos, depoimento, piadas, solicitações, prescrição de remédios caseiros ou não, conselhos, fofoca, lamento, algo semelhante à exposição e defesa de um ponto de vista como em um artigo de opinião (não se está dizendo que é um artigo de opinião); etc. Ou seja, ninguém se atreveu a abordar a questão tipológica na conversação, pois é uma questão teórica, que se revela bastante complexa e de difícil resolução. Complementarmente, há outras questões como, por exemplo: se ninguém duvida de que existe um texto conversacional, nas análises não são muito claros os critérios que

¹ Ver MARCUSCHI (1986, p. 35)

² Está-se usando aqui a proposta tipológica feita por Travaglia ([2003]/2007, 2007a, 2009) e Travaglia et al. (2013), bem como as relações (conjugação, fusão, intercâmbio) que ele propõe entre os tipos na composição dos gêneros (Cf. Travaglia 2007b).

são básicos na Linguística Textual sobre unidade de texto (quais os critérios para delimitar tal unidade?) e segmentação ou não da conversação em unidades que não sejam os turnos e as sequências de abertura, desenvolvimento e fechamento. Por exemplo, como fica essa questão no caso de gêneros delimitáveis dentro da conversação e a tipificação do que sobra ou do que não é identificável como um gênero corrente ou pelo menos ainda não identificado como tal?

Este estudo propõe abordar tais questões que são, sem dúvida, importantes, mas que não estão resolvidas e têm mesmo sido evitadas.

Alguns aspectos teóricos e metodológicos

Neste estudo estamos tomando como base teórica para instrumental de análise as propostas de sequência de Adam (1993), a proposta tipológica feita por Travaglia ([2003]/2007, 2007a, 2009) sobre as categorias de textos divididas em quatro naturezas distintas que ele chama de tipeamentos (tipos, subtipos, gêneros e espécies), bem como o que propõem Travaglia et al. (2013) sobre gêneros orais e Travaglia (2007b) sobre a composição de gêneros pelos tipos em que se pode ter três diferentes tipos de relações entre os tipos que estão compondo o gênero: conjugação, fusão ou intercâmbio.

Estamos considerando que as sequências de Adam (1993) equivalem ao que Travaglia ([2003]/2007, 2007a, 2009) considera como tipos de texto, o que é fundamental para um dos raciocínios desenvolvidos sobre o status tipológico da conversação.

Na classificação em tipos, subtipos, gêneros e espécies, adotamos o princípio de que um texto só pode ser de uma categoria da mesma tipologia. Assim se consideramos a tipologia dissertação, descrição, injunção, narração, um texto não pode ser ao mesmo tempo descritivo e injuntivo. Podemos, em um texto predominantemente narrativo, por exemplo, ter trechos descritivos e/ou dissertativos, mas em conjugação. No caso da fusão, sempre se fundem tipos de tipologias distintas como, por exemplo, a narrativa e o humorístico na constituição da piada.

Uma questão importante é se a conversação é um gênero ou uma atividade. Adotamos aqui o que propõem Travaglia et al. (2013) que colocam o seguinte questionamento:

Assim, por exemplo: a) o **seminário** que se realiza em salas de aula como um recurso de aprendizagem é um gênero ou uma atividade que se realiza por meio de outros gêneros, como a exposição oral, o depoimento e o debate? b) o **júri** é um gênero ou uma atividade que se realiza por meio de gêneros diversos? c) a **conversação**: é um gênero ou uma atividade social na qual podemos encontrar os mais variados gêneros. No caso da conversação é possível identificar os mais diversos gêneros sendo utilizados durante a mesma, tais como pedidos, depoimento, casos, relato de experiências pessoais diversas, piadas, solicitações, receitas de cozinha, prescrição de remédios caseiros ou não, conselhos, fofoca, lamento, etc. (TRAVAGLIA et al., 2013, p. 2)

Esses autores ainda colocam a possibilidade de haver “atividades que têm um gênero homônimo que as realiza como nos casos da missa, do casamento, do batismo, da benção, do leilão, da entrevista, etc.” (TRAVAGLIA et al., 2013, 2), mas que em muitos casos é difícil definir a distinção, como no caso da “**assembleia**, atividade em que se discutem problemas sociais controversos e são necessárias capacidades de linguagem como sustentação dos argumentos, refutação, negociação de tomadas de posição e, portanto, os gêneros que estariam na base dessa atividade seriam a exposição oral e o debate?” (TRAVAGLIA et al., 2013, 2).

Aqui tomamos o gênero tal como definido em Travaglia et al (2013):

Consideramos o **gênero**, na perspectiva bakhtiniana, como um tipo de enunciado relativamente estável, ou seja, com determinadas regularidades em termos de conteúdo temático, construção composicional, forma de realização linguística (estilo), criado em uma esfera de atividade humana ou por uma comunidade discursiva, no dizer de Swales (1990), para realizar uma ação social por meio da linguagem. Assumimos ainda o gênero como um pré-acordo de um grupo social sobre o modo de realizar algo linguística e discursivamente por meio de textos. (TRAVAGLIA et al., 2013, p. 3)

Além das regularidades relativas a conteúdo temático, construção composicional e forma de realização linguística (estilo), consideramos ainda aquelas referentes a objetivos e funções, condições de produção em que se inserem as questões de suportes utilizados.

Estes autores, considerando ainda o que dizem Schneuwly (2004, p. 23 e ss.) e Fairclough (2003), desenvolvem todo um raciocínio para distinguir atividade de gênero chegando a um termo em que dizem:

Tendo em vista o que ficou dito podemos dizer que a **atividade** social é o que alguém está fazendo, para atingir determinado objetivo, enquanto o **gênero** é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade em que o gênero tem um papel essencial. Assim o gênero terá uma função social em decorrência da atividade à qual ele serve de instrumento e que, de um certo modo, o caracteriza. (TRAVAGLIA et al., 2013, p. 4)

Travaglia et al (2013) ainda definem que

[...] os **gêneros** são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros. Tais capacidades e competências são capacidades e competências linguísticas e discursivas de construção e de escolha do gênero apropriado para a ação em dada situação social localizada. Já as **atividades** são ações mediadas por objetivos específicos, socialmente elaborados por gerações precedentes e disponíveis para serem realizadas, usando determinados instrumentos para este fim construídos. Se temos o objetivo de cortar uma árvore, realizamos, por exemplo, a atividade de lenhador (cortar a madeira para vendê-la para o uso como combustível por meio da queima na forma de lenha) ou

outra, como a de jardineiro ou paisagista (estruturar um paisagismo em que a árvore não se encaixa) ou a de construtor (limpar o terreno para implantação de uma obra) ou ainda a de agricultor (preparar o terreno para o plantio). Em todos os casos há uma ação de cortar a árvore que se fará usando um instrumento: um machado ou uma serra manual ou elétrica, conforme o que há de tecnologia no grupo social em que a atividade se realiza. Isto mostra que os instrumentos podem variar, mudar, conforme o tempo e grupo social. (TRAVAGLIA et al, 2013, p. 3)

Esse mesmo grupo de pesquisadores define “que gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita” (TRAVAGLIA et al., 2013, p. 4).

Por seu turno, Adam (1993) não fala em conversação, mas sim em sequências dialogais, consideradas pelo autor como um “modo de composição poligerenciado”, em contraposição a quatro modos monogerenciados: sequências descritivas, narrativas, argumentativas, explicativas³. Assim, haveria práticas discursivas orais e práticas discursivas escritas. Nas primeiras, construídas em situações orais, o modo de composição dialogal-conversacional estenderia sua hegemonia sobre todos os outros modos de composição. (ADAM, 2008, 252).

Desta forma, para Adam, a sequência dialogal concretiza-se em discursos interativos dialogados⁴, estruturados em turnos de fala. Para que haja diálogo, os interactantes devem estar efetivamente engajados em uma conversação, de modo que os enunciados de uns determinam os de outros. Haverá um texto coproduzido que se mostra coerente e não uma sequência de enunciados desconectados. Adam propõe um protótipo para a sequência dialogal que se organiza em três níveis encaixados:

A) O primeiro nível apresenta três fases: a) a **fase de abertura** “de caráter *fático*, na qual os interactantes entram em contato, conforme os ritos e usos da formação social em que se inscrevem” (BRONCKART, 2003, p. 231); b) a “**fase transacional** em que o conteúdo temático da interação verbal é coconstruído” (BRONCKART, 2003, p. 231); c) a **fase de encerramento** que também seria *fática* e em que se põe fim à interação.

B) No segundo nível, as três fases do primeiro nível vão ser decompostas e constituídas por **trocas** que são unidades de diálogo chamadas **turnos** em que um dos interactantes toma a palavra. Alguns chamam essas trocas de **intervenções**.

³ Não é nosso objetivo, neste artigo, adotar a tipologia classificatória de Adam. Pretendemos apenas mostrar a relação com os tipos de texto que usamos em análise.

⁴ Tal como definidos por Bronckart, Jean-Paul (2003) cap. 5.

C) No terceiro nível, cada intervenção ou turno pode ser decomposto e constituído por **atos discursivos**, que seriam enunciados que realizam atos de fala distintos tais como pedido, afirmação, injunção, etc.

Como se vê, esse protótipo representa uma organização estrutural, como dissemos antes, mas não representaria uma superestrutura de um tipo ou gênero de texto no sentido proposto por Van DIJK (1983, cap. 5). Poderia ser uma estrutura composicional tal como proposta por Bakhtin? Parece que sim e se repete nas diferentes conversações.

Nosso *corpus* será constituído de diálogos entre dois ou mais informantes. Tendo em vista a dificuldade de obtenção de gravações secretas de conversações espontâneas, está sendo analisado inquérito do tipo D2 do projeto NURC, especificamente o inquérito D2 – n.º 343, bobina n.º 130, do projeto NURC/SP, com duração de 80 minutos, registrado em 15/03/1976. Com o tema proposto “a cidade”, “o comércio”, a conversa foi realizada entre um informante do sexo masculino, na época com 26 anos, solteiro, paulistano, pais paulistanos, engenheiro e uma informante do sexo feminino com 25 anos, solteira, paulistana, pais paulistanos, psicóloga. A transcrição desse inquérito, publicada em Castilho e Preti (1987), tem 1758 linhas, devidamente numeradas, e usamos essas linhas para quantificar a porcentagem de constituição do texto conversacional por diferentes tipos de texto (descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo).

Importa ainda relatar que ambos os falantes, talvez por serem irmãos e, assim, possuírem um grau elevado de conhecimentos em comum e certa liberdade na apresentação de seus pontos de vista, não hesitam na contraposição de ideias em suas explanações. Além disso, importa destacar a presença da documentadora no ato de coleta da conversa. Em alguns momentos, de certa forma, a documentadora participa da conversa, fazendo direcionamentos temáticos ou, até mesmo, apresentando sua opinião.

Além desse inquérito, foi utilizada a observação informal de conversações no dia a dia, sem a sua gravação e sem sua transcrição, o que nos permitiu detectar a presença de gêneros na conversação.

Conversação e tipologia de textos-aspectos da análise:

As análises e reflexões desenvolvidas permitiram elucidar alguns pontos pertinentes sobre o *status* tipológico da conversação que apresentamos a seguir.

Como dissemos no item **Alguns aspectos teóricos e metodológicos**, a conversação constitui um texto coproduzido que é coerente. Então, observou-se na análise feita que a conversação tem uma **organização tópica** tal como definido por Jubran, Travaglia et al. (1992),

com continuidade tópica e descontinuidades. Na análise do inquérito NURC D2 – n.º 343, foi observada a seguinte organização com os subtópicos indicados.

Subtópicos da conversação do NURC D2 - 343

- *Introdução*: l. 1- Doc. Gostaríamos que vocês até l. 16 – Doc. Não ((vozes distantes)) Esse subtópico ainda não faz parte da conversação que só começa na linha 12.
- *Início da conversa* (sequência de abertura): linhas 12 a 16.
- *O aspecto da cidade*: linhas 16 a 50
- *A cidade à noite*: linhas 51 a 64
- *Topografia da cidade*: linhas 65 a 74
- *Dificuldades de planejamento urbano e migração*: linhas 75 a 102
- *Relação do planejamento com a economia – razões para a economia*: linhas 103 a 141
- *Poluição*: linhas 142 a 185. (nas linhas 179 a 185 há um trecho de transição do tópico poluição para o tópico seguinte das medidas)
- *Medidas contra a poluição e seus danos / analogia com indivíduo x sociedade*: linhas 186 a 324) A analogia começa na linha 217.
- *O metrô*: linhas 325 a 420 – nesse trecho há dois sub-sub-tópicos: *A comparação do metrô de São Paulo com o de Londres* (linhas 366 a 371) e *Problemas na construção do metrô* (linhas 372 a 420).
- *Discussão se metrô é comunicação ou transporte*: linhas 421 a 449)
- *Paralisação de movimentação na cidade / no trânsito*: linhas 450 a 496
- *Desenvolvimento é bom ou ruim*: linhas 497 a 535
- *O indivíduo e sua condição com o desenvolvimento*: linhas 536 a 618
OBS.: [no final há um trecho – linhas 616 (obrigada) a 618 (falando de compras...) em que há uma pausa no tópico porque alguém serve café e isso é comentado, inclusive provoca a mudança de subtópico que passa para o tópico seguinte sobre café). **Um comentário sobre a situação de interação.**
OBS.: Nesse ponto, os interlocutores começam a abandonar o tópico cidade e passar para outros pontos às vezes com alguma correlação com cidade, mas quase sempre sem correlação com o tópico inicial proposto.
- *O assunto muda para café*: linhas 619 a 634
- *Compras no mundo civilizado e em tribos*: linhas 635 a 662
- *Analogia entre dirigir um carro e andar a cavalo*: linhas 663 a 713
- *Compra com comunicação – Valor simbólico de bens*: linhas 714 a 732
- *Nas tribos a posição é conquistada pelo trabalho*: linhas 733 a 776 (que não melhora né?)
OBS.: Nesse ponto, o desenvolvimento de tópicos é interrompido para falar sobre o funcionamento do gravador, portanto **um comentário referente à interação**
- *Comentário dos interlocutores sobre o funcionamento do gravador*: linhas 776 (você não quer dar uma olhada) a 787
Voltam os tópicos em desenvolvimento
- *Significado do barulho e do silêncio*: linhas 788 a 807
- *Relacionamento homem e máquina: confiança do homem nas máquinas*: linhas 808 a 819
- *Utilização de computadores*: linhas 820 a 932

- *Conhecimento especializado e suas consequências*: linhas 933 a 990
- *Fim da civilização*: linhas 991 a 1064
- *Discussão sobre o tempo da conversa e sobre os tópicos*: Linhas 1065 a 1074
OBS.: Nesse ponto, os dois interlocutores interrompem o desenvolvimento de tópicos e questionam sobre o tempo e sobre os tópicos da conversa. Há então uma sugestão do documentador que leva ao tópico seguinte.
- *Como seria a vida de L1 e L2 no futuro*: 1075 a 1098
- *Sobre as razões do status social*: linhas 1099 a 1185
- *Estado geral da humanidade e sua evolução*: linhas 1186 a 1408
OBS.: No interior do tópico anterior, há um trecho (linhas 1381 a 1385) de comentário sobre a interação em que os interlocutores avaliam que a conversa está muito aleatória em seus subtópicos, pedem a opinião do documentador sobre o que estão falando, mas ele diz que não pode falar e L1 e L2 continuam falando sobre o que vêm discutindo.
- *Sistema de evolução da raça humana*: linhas 1409 a 1466
- *Controle populacional*: linhas 1467 a 1572
- *Possibilidade de colapso total na população*: linhas 1573 a 1721
- *Ciclos da civilização – renascimento e morte*: linhas 1722 a 1752
- **OBS.:** Aqui se encerra o diálogo do inquérito em duas etapas: a) Comentário de L2 sobre o conteúdo da conversação (linhas 1753 e 1754); b) Trecho injuntivo em que o documentador declara encerrada a entrevista (linhas 1755 a 1758).

Como se pode observar o tópico inicial a cidade, o comércio é desenvolvido, mas não é mantido e muda mais de uma vez, embora haja uma transição entre um subtópico e outro que não cria incoerência. Observa-se, pois, uma descontinuação de tópico no todo do texto da conversação.

Em quatro momentos, há descontinuidade do tópico com interferências em que os interlocutores comentam aspectos da situação de interação e da interação em si. A primeira passagem aparece na linha 616, quando um dos interlocutores agradece o café que está sendo servido, o que se deduz pela observação do transcritor de que se ouve “((som de colherinha batendo na xícara))”. Essa ocorrência vai até a linha 618 da transcrição. No segundo momento (linhas 776 a 787 da transcrição), os interlocutores interrompem o desenvolvimento do tópico para falar do funcionamento do gravador, o que leva à mudança do tópico para o silêncio e o barulho e a confiança nas máquinas. Em (1) transcrevemos esse trecho.

(1)

L2	[.....] você não quer dar uma olhada ver se está gravando?
Doc	está está
L1	confiança absoluta () ((risos))
Doc	nunca falhou ((ri))
L2	qualquer tom de voz as pessoas que falam mais baixo
	[
L1	igual minha máquina né?

L2	é
L1	[confiança absoluta
Doc	[o negócio é acreditar porque se não acreditar não dá certo

No terceiro momento (Linhas 1065 a 1074), o desenvolvimento de tópicos é interrompido por uma discussão sobre o tempo da conversa e sobre os tópicos. No quarto momento (linhas 1381 a 1385), o tópico em desenvolvimento (*Estado geral da humanidade e sua evolução*) é interrompido pelos interlocutores que fazem um comentário sobre a interação, avaliando que a conversa está muito aleatória em seus subtópicos, pedem a opinião do documentador sobre o que estão falando, mas ele diz que não pode falar e L1 e L2 continuam falando sobre o que vêm discutindo. No final do inquérito (linhas 1755 a 1758), o documentador declara a conversa encerrada. Esses exemplos mostram que nas interações conversacionais é comum ocorrer intervenções que dizem respeito à interação, a situação em que ela acontece e seu conteúdo. Esta é uma forma explícita de controle do texto em construção que não aparece em textos não conversacionais, embora possa acontecer num ou noutro gênero oral.

Essa organização tópica é importante para confirmar-se que há um texto e não uma colagem de textos diversos.

Conversação e tipo de texto

A conversação não é um tipo de texto no mesmo grupo de descrição, narração, explicação e argumentação, como proposto por Adam (1993) em sua teoria das sequências. Nossa análise demonstra que a conversação é composta por descrições, dissertações, injunções e narrações e, portanto, pelo princípio anteriormente arrolado, não se pode dizer que a conversação é um tipo da mesma tipologia que esses outros⁵. Se ela for um tipo de texto, será de outra tipologia, do mesmo modo que Travaglia ([2003]/2007) demonstrou para o argumentativo ao evidenciar que este tipo pertence a outra tipologia e não à tipologia de descrição, dissertação, injunção e narração, uma vez que a argumentação se faz utilizando esses quatro tipos. Do mesmo modo, a conversação, que além do descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo, ainda pode incluir o tipo argumentativo e, assim, não pode pertencer às tipologias desses tipos.

⁵ Discutimos essa questão também em Negreiros (2015).

As conversações observadas informalmente e a conversação analisada (Inquérito NURC D2 – n.º 343) se mostraram compostas por dissertação, descrição, injunção e narração na forma registrada a seguir.

Tipos de textos compondo a conversação do inquérito NURC D2 – n.º 343

Legenda: De – descrição; Di – dissertação; I – injunção; N – narração

I - Linhas 1 e 2
 Di – linhas 3 a 11.
 Di – linhas 12 a 16
 N – linhas 17 (eu fui quinta-feira) a 22 (a titia sabe?)
 De – linhas 22 (e:: está muito pior) a 28 (feito feito feito...)
 Di – linhas 28 (e toda a segunda à noite) a 31 (eu pego o carro)
 De – linhas 31 (e:: também é concreto) a 74
 Di – linhas 75 a 676
 N- linhas 677 a 687
 Di- linhas 688 a 697 (cavalo)
 N – linhas 697 (até que chegou.....) a 699
 Di – linhas 700 a 758 [só que ((ri))]
 N- linhas 758 (ela estava contando) a 771
 Di- linhas 772 a 867 (é que ELE adquire)
 N- linhas 867 (já lançaram...) a 874
 Di – linhas 875 a 1012
 De – linhas 1013 a 1017
 Di – linhas 1018 a 1125 (trabalhador)
 N – linhas 1125 (conseguiu o dinheiro) a 1126
 Di – linhas 1127 a 1754
 I – linhas 1755 a 1758

No total tem-se⁶:

Tabela 1: Número e percentagem de linhas de cada tipo de texto que compõe o texto do Inquérito NURC D2 – n.º 343

Tipo de texto	Número de linhas do texto que compõe	Porcentagem do texto
De	54	3,07%
Di	1658	94,2%
I	6	0,34%
N	42	2,39%
Total	1670	100%

O que se observa na composição do texto é que a Injunção foi usada para comandar o início e o final da conversação, e a descrição e a narração geralmente aparecem como

⁶ Nesta tabela tem-se 1760 linhas, duas a mais que a transcrição do inquérito, porque como em alguns casos o tipo começa nomeio da linha essa foi contada duas vezes.

subsidiárias da dissertação para ajudar a argumentar a favor de uma determinada ideia sendo proposta por um dos interlocutores.

Como dissemos, a conversação não pode ser vista como um tipo de texto compondo uma tipologia juntamente com descrição, dissertação, injunção e narração, porque estes tipos compõem a conversação. Pode-se propor que seria um tipo de texto de outra tipologia, mas aí é preciso, como propõe Travaglia (1991) e ([2003]/2007), determinar uma perspectiva assumida discursivamente pelo produtor do texto. Assim, por exemplo, a tipologia que inclui descrição, dissertação, injunção e narração toma, em relação ao objeto do dizer, a perspectiva do produtor do texto do fazer/acontecer ou do saber/conhecer inseridos ou não no tempo e no espaço. Já a argumentação toma uma perspectiva do produtor em relação ao interlocutor como alguém que concorda (argumentativo *lato sensu*) ou não (argumentativo *stricto sensu*) com ele. Não se percebe na conversação uma perspectiva assumida pelo produtor do texto que a possa caracterizar como um tipo de texto.

Alguns poderiam propor que a conversação, em certos aspectos, é como uma narração presente do tipo das narrações esportivas, por exemplo: está acontecendo no momento de sua realização, mas obviamente não é uma narração, tendo em vista as características desse tipo de texto. Como ficou claro na análise apresentada, a conversação inclui descrições, dissertações, injunções, narrações e é, com frequência, argumentativa *stricto sensu* em fusão com os quatro primeiros tipos, podendo ainda ter em si outros tipos de texto em fusão como, por exemplo, o humorístico.

Conversação e gênero

Alguns aspectos são importantes ao se discutir se a conversação é ou não um gênero de texto.

Inicialmente é preciso registrar que conversação não é o mesmo que gênero oral, ou seja, o termo “conversação” não é sinônimo do termo “gênero oral”, pois este inclui coisas como conferência, comunicação acadêmica, aula expositiva, benzeção, etc.⁷, porque, como dissemos, a conversação é intrinsecamente caracterizada por ser dialogal, e estes outros gêneros orais não são dialogais. Ou seja, se ela for um gênero oral, uma de suas características será necessariamente ser dialogal.

Como ficou dito na introdução, na observação e na análise de conversações, percebe-se que nelas aparecem vários gêneros perfeitamente delimitáveis tais como os que enumeramos:

⁷ Veja-se a listagem de gêneros orais apresentadas em Travaglia et al. (2013).

receitas de cozinha; orientações sobre como fazer algo; narrativas de experiência de vida; casos; resumos de filmes, novelas, livros; pedidos, depoimento, piadas, solicitações, prescrição de remédios caseiros ou não, conselhos, fofoca, lamento, etc. Além desses encontramos algo semelhante à exposição e defesa de um ponto de vista como em um artigo de opinião, mas que não é um artigo de opinião e sim um gênero com ocorrência nas conversações e que denominaremos de “comentário”.

Na análise do Inquérito NURC D2 – n.º 343, encontramos vários gêneros, como o relato de experiências pessoais do trecho a seguir:

(02)

20	L1	eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira ... noite fui lá no () né?lá na Celso Furtado
	L2	éh::
	L1	passsei ali em frente ...:: Faculdade de Direito...então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze...(com) a titia sabe?...

Neste excerto de (02), podemos observar, na fala de L1, um exemplo do gênero *relato de experiências pessoais*. Marcado pelo tipo narrativo, o relato tem como função “narrar acontecimento vivido”. No excerto, evidencia-se que o alocutário é o espectador não participante que apenas toma conhecimento ou se inteira do episódio ocorrido com o locutor. Esse último, investido de uma intencionalidade e baseando-se no conhecimento compartilhado pressuposto do alocutário, que é seu irmão, transmite uma representação de experiência do mundo. Assim, a maneira particular de narrar do locutor, marcada pelo uso de dêiticos (“lá”, “lá na Celso Furtado”, “ali”, “a titia”), dá um sentido particular e subjetivo à narrativa.

(03)

325	Doc.	sugestões e a opinião de vocês a respeito do metrô?
	L2	um elevador que anda:: ((risos))... comentário de:: de:... é:: (comentário) de nordestino chegando "elevador [
330	Doc.	(autocrata)
	L2	que anda ao contrário que anda de cá para lá aperta um botão e:: começa a andar... éh:: sei lá... metrô?...
	L1	está meio atrasado né?... já devia ter muito tempo...

Nesse outro trecho em (03), temos um exemplo de um gênero humorístico: um comentário jocoso, apresentado por F2 e destacado em negrito (linhas 326 – 330). Marcado pelo tipo dissertativo e pelo caráter, no caso específico em análise, preconceituoso, o

comentário jocoso busca provocar risos no alocutário. Os marcadores “éh:: sei lá...” marcam a mudança para o gênero que aqui chamamos de gênero *comentário* (éh:: sei lá... metrô?... está meio atrasado né?... já devia ter muito tempo...), muito comum na conversação e que se encontra encadeado à piada.

(04)

615	L2	equilíbrio acho que existe mas de que forma que ele se mantém né?... obrigada ((fala paralela)) ((som de colherinha batendo na xícara))
	L1	falando... ((vozes)) falando de compras...
620	L2	café?... está uma onda de café por aí né? que diz que éh a/aumentar o preço externo então tem que aumentar o preço interno nao sei o quê...

O mesmo fenômeno do encadeamento pode ser observado no excerto (04): L2, ao desenvolver o comentário sobre “o indivíduo e sua condição com o desenvolvimento”, apresenta o gênero *agradecimento*, cuja função é expressar o sentimento de gratidão ao outro (no caso, a pessoa que entregou o café ao falante). Logo em seguida ao agradecimento, o falante volta para o gênero *comentário*, já com o tópico redefinido.

(05)

665	L1	outro dia aí então o (Fábio) contando umas histórias de um::... de um de um <i>boy</i> barato aí né?... carro envenenadíssimo... então temos que quando o cara vai acelerar assim::... ele aGArra a direção assim:: pisa o acelerador::... e faz um movimento assim como estivesse caval/cavalgando
	L2	ahn ((ri))
670	L1	e agarra a máquina assim () ((ri))
		[
	L2	queria estar num cavalo
	L1	por quê? analogia... ele está cavalgando né? então ele é o::... o::...
	L2	((ri)) o rei do oeste ahn
675	L1	não tem oeste aqui... ((ri))
	L2	não tudo bem:: eu sei entendi
	L1	você assistiu àquele filme... aquele ator americano lá -- ahn como é que ele chama? - -
	L2	o::...Banzé no Oeste?
680	L1	não... não... é::... conta a história do oeste mais ou menos verdadeira né? naquele... naquela guerra que teve... acho que entre o sul e o norte... a guerra da secessão?...
		[
	L1	um general lá...
685	L2	uhn...
	L1	não... foi um general que matou uma::... cacetada de índio...

	L2	[uhn...
690	L1	ator famoso aí... -- como é que chama o desgraçado aí fez o <i>Midnight cowboy</i> --
	L2	ahn... o... ah já sei dos.. -- ai como é que se chamava -- eh:::... com Dustin Hoffmann né?...
	L1	uhn...
	L2	sei qual é
695	L1	[(então você ainda se lembra) nesse filme... que ele mostrava que era importan::te um guerreiro que tivesse um cavalo... até que chegou aquele amigo dele "ahn eu sou mais importante agora eu tenho uma espo::sa e três cavalos" ((ri))
700	L2	ahn ahn
	L1	então o cara aí... analogia né? o cara está no carro mas... o que querem?... é tribal a coisa sabe?... o carro é o cavalo aí no caso então o cara vai e tal pole o carro boniti::nho lava... manda cromar manda blá blá blá...
705	L2	uhn uhn...

No exemplo de (05), há outro encadeamento entre os gêneros presentes na conversação. Consideremos as linhas 664 – 676. Neste trecho, é preponderante o tipo textual dissertação, com o gênero que estamos chamando de comentário, que leva L1 a introduzir o gênero relato de filme (linhas 677 – 700), que está intercalado no comentário que vem sendo desenvolvido. Importante salientar que é, a partir de um comentário de L2, que L1 entra no relato do filme, à linha 674 (“o rei do oeste ahn”) que o outro gênero é intercalado.

A presença desses gêneros na conversação poderia levar a proposição de que a conversação seria um hipergênero, no sentido de um gênero composto por outros gêneros, do mesmo modo que já se propôs, por exemplo, que a missa seria um hipergênero no sentido aqui definido. A composição de um gênero por outros ainda não está bem definida teoricamente como uma possibilidade, embora seja comum um gênero conter outros, como um romance que traz uma carta ou um testamento em seu corpo. Todavia, a conversação contém em seu corpo vários gêneros bem definidos e outros não claramente definidos, o que em qualquer opção de modelização teórica é um problema. Será preciso, pois, definir qual é o gênero de grandes porções do texto conversacional em que se comentam fatos, de maneira dissertativa e às vezes também argumentativa. Mas para considerar a conversação um hipergênero ela teria que ter características que permitissem considerá-la um gênero, o que não parece muito viável como se comenta a seguir.

Tomando os critérios de caracterização de gêneros propostos em Travaglia (2007a), parece difícil sustentar que a conversação é um gênero tendo em vista que: a) não parece ser possível propor um conteúdo temático em termos de um tipo específico de informação, como

nos gêneros em geral; b) há uma estrutura composicional, em termos das fases de que falamos (abertura, transacional e encerramento), organizadas em turnos, com obrigatoriedade de pelo menos uma troca de turno; mas isso não caracteriza uma superestrutura com categorias apropriadas para a realização de uma ação social específica, o que nos leva à categoria seguinte de caracterização; c) um gênero tem objetivo e função sociocomunicativa bem definidas. Este não parece ser o caso da conversação, cujo objetivo é o de qualquer atividade de linguagem: estabelecer uma interação, mas não há um objetivo ou função social específico; d) as características de linguagem são muito variáveis, dependendo da situação de interação e do que é abordado na conversação e percebe-se que as características de linguagem estão ligadas mais diretamente aos tipos de texto que compõem a conversação e aos gêneros que a estão realizando; e) finalmente, as condições de produção são muito variáveis, dependendo de onde se realiza a interação, dos interlocutores, embora o suporte seja sempre a voz humana. Dessa forma, fica difícil sustentar que a conversação seja um gênero. Ela, na verdade, é constituída por gêneros, inclusive por um ainda não claramente definido e de que falamos a seguir que é basicamente dissertativo e em que ou se expõe aspectos sobre um tópico ou se faz a defesa de um ponto de vista como em um artigo de opinião, embora, como já dissemos neste texto, obviamente não se tenha um artigo de opinião (que é um gênero jornalístico específico). Esse provável gênero constitui grandes partes da conversação que não realizam outros gêneros conhecidos. Teríamos então, pareceu-nos, um gênero ainda não claramente definido na literatura e, inclusive, não nomeado, como muitos gêneros existentes em nossa cultura e sociedade, mas que não receberam um nome específico nas comunidades discursivas que os criaram. Por isso, propomos que esses trechos realizam um gênero que poderíamos chamar, na falta de um termo melhor, de “**comentário**”⁸, como podemos observar no excerto a seguir e como já vimos aplicando na análise dos exemplos.

85	L2	esse negócio de lei de zoneamento não está funcionando?
	L1	não que eu saiba não ::... não é tão... tão forte essa lei não não consegue... moldar a cidade... [
90	L2	não porque eu ouvi depois que::... depois que estabeleceram aí::
	L1	(tem isso) porque envolve interesses econômicos muito... FORtes muito grandes... que dobram essa lei... certo? dum...dum...dum... governo para o outro... muda a lei de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas

⁸ Obviamente isto implica fazer uma pesquisa em um grande número de conversações, caracterizando adequadamente esse gênero. Tarefa que não vamos realizar nesse estudo em que estamos buscando fazer uma proposta de partida sobre o status tipológico da conversação.

95		já está um montão de coisa errada certo?... muito bairro:... residencial com muita indústria dentro... principalmente bairro pobre né?... para consertar isso:: não dá ... a lei teria que ser... éh:: retroativa sei lá atuar sobre o que já existe
	L2	uhn uhn...
	L1	(né? então) eu Acho que ela não está conseguindo nem atuar sobre o que vai existir... em termos ela existe
		[
100	L2	EH
	L1	ela está lá mas:: não funciona... porque
		[
	L2	eu vejo
	L1	acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda... é meio incontrolável né? e acho que::...acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade que... atinge um certo tamanho se bem que em São Paulo acho que tem um problema específico de::... ter-se tornado um centro industri/industrial... grande
105	L2	essas coisas tem um professor meu que vai pra::
		Belém... ele estava falando que... quando ele veio para São Paulo – ele é argentino tal – em cinquenta e quatro era menor que o Rio...
110	L1	uhn uhn... ele é o polo de atração e o pessoal não consegue
		[
	L2	pouco mai/ pouco mais de dez anos né?
115	L1	podar isso né?... porque quem:: tem::... companhia grande digamos... precisa de mão-de-obra... então ele tem que trazer de outra cidade porque a nossa mão-de-obra... vai... progressivamente se tornando cara... então teria como que importar dos outros estados para São Paulo
		mão-de-obra barata... então isso se CHAma... um fluxo de gente para São Paulo... que muita gente quer poDAR... para não crescer mais... ((tossiu)) que a gente não importa riqueza essas coisas né? riqueza vai para o Rio sei lá qualquer outro lugar certo?... então...
120		[
	L2	o que você acha disso?
125	L1	o que eu acho disso é que não tem controle

O gênero que aqui chamamos de *comentário* é elaborado por meio dos tipos dissertativo e argumentativo e tem como objetivo convencer o alocutário, persuadindo-o a “ver os fatos” de determinada maneira, em consonância com o locutor. No excerto anterior, são marcas do tipo textual argumentativo.

a) A presença de verbos enunciativos de pensar, “já que se instaura o interlocutor como ser pensante, que raciocina: pensar, achar, saber, parecer, etc”. (TRAVAGLIA, 2002b):

- que eu saiba não (linha 82).
- eu não vejo (linha 90).
- eu acho (linha 98).
- eu vejo (linha 102).
- eu acho (linha 103).

- e acho que::... acho que (linha 104).

- eu acho (linha 126).

b) uso de exemplos como recursos de argumentação – linhas 109 – 120.

c) Apresentação de fatos válidos para todos os tempos, inclusive com o uso de formas verbais para esse fim, como o presente do indicativo.

d) Uso de marcadores conversacionais de concordância, como né? e certo?

Os comentários, no intenso processo interacional presente na conversação, definem os papéis de locutor e interlocutor. Como postula Charaudeau (2008, p. 82), “o locutor explicita a posição que o fato ou a informação ocupam em seu *universo de crenças*”. Ao mesmo tempo em que revela ao interlocutor seu ponto de vista, o locutor avalia a verdade de seu posicionamento por meio da reação do outro, que é testemunha da opinião do locutor. Neste sentido, parece-nos que, pelo menos na conversação em análise, o *jogo interacional* é assim articulado.

A seguir, elencamos os gêneros que consideramos presentes na conversação analisada (NURC-SP D2 – Inquérito 343), com as funções que consideramos mais evidentes – ou, nos dizeres de Fairclough (2003, p. 70), com os propósitos claros. Naturalmente, sabemos da complexidade em se definir essas funções do gênero (ou o propósito genérico), tendo em vista que pode haver funções explícitas (que tentaremos identificar no quadro) e outras, implícitas, de várias ordens, além da natureza desses propósitos, que, no caso da conversação investigada, estão vinculadas a ações puramente “comunicativas” e não a “estratégicas” (como teríamos, por exemplo, em uma situação linguística de venda de mercadorias, que envolvesse um vendedor e um cliente)⁹.

Tabela 2: Gêneros e funções presentes no Inquérito NURC D2 - nº 343

Linhas	Gênero	Função / propósito
1-2	Pedido metainteracional	Solicitar aos interactantes que conversem sobre determinado tema
3-7	Comentário	Expor e defender ponto de vista

⁹ Fairclough, ao discutir a questão do propósito genérico, apoia-se em no princípio de Habermas de ação comunicativa e estratégica: “What are the purposes of having a chat with a friend, for example? Of course, it is perfectly possible to identify purposes even in a friendly chat, but it seems quite misleading to see it as purpose-driven in the sense that an interview is. We can see the source of the problem of over-privileging purpose in terms of Habermas’s distinction between ‘communicative’ and ‘strategic’ action (1984) – interaction oriented to arriving at understanding, as opposed to interaction oriented to getting results”. “O que são os propósitos de conversar com um amigo, por exemplo? Claro, é perfeitamente possível identificar fins, mesmo em um bate-papo amigável, mas parece bastante enganador para vê-lo como orientado por propósito no sentido de que uma entrevista é. Podemos ver a fonte do problema de propósito privilegiado em termos da distinção de Habermas entre ação “comunicativa” e “estratégica” (1984) - interação orientada para chegando à compreensão, em oposição à interação orientada para obter resultados [tradução nossa] (2003, p. 71)

8-11	Verificação	Apresentar questionamento sobre funcionamento de equipamento
12-16	Comentário	Expor e defender ponto de vista
17-23	Relato de experiências pessoais	Narrar acontecimento vivido
23-182	Comentário	Expor e defender ponto de vista
183-185	Lamento	Apresentar lamúrias
186-324	Comentário	Expor e defender ponto de vista
325	Pedido metainteracional	Solicitar aos interactantes que conversem sobre determinado tema
326-330	Comentário jocoso	Comentar algo de forma engraçada
331-525	Comentário	Expor e defender ponto de vista
526-533	Recomendação	Apresentar aconselhamento
534-616	Comentário	Expor e defender ponto de vista
616	Agradecimento	Reconhecer gratidão por ato do outro
618-634	Comentário	Expor e defender ponto de vista
635-645	Constatação	Expor uma verificação sobre uma ação
646-676	Comentário	Expor e defender ponto de vista
677-700	Relato de filme	Fazer pequena exposição de filme
701-775	Comentário	Expor e defender ponto de vista
776-788	Comentário metainteracional	Comentar sobre o instrumento de gravação
789-999	Comentário	Expor e defender ponto de vista
999-1015	Relato de livro	Fazer pequena exposição de livro
1016-1064	Comentário	Expor e defender ponto de vista
1065-1068	Comentário metainteracional	Comentar o tempo da interação
1069-1070	Comentário metainteracional	Avaliar a conversação e sugerir tópico
1076-1392	Comentário	Expor e defender ponto de vista
1393-1401	Relato de livro	Fazer pequena exposição de livro
1402-1754	Comentário	Expor e defender ponto de vista
1755-1759	Comentário metainteracional	Comentário metainteracional sobre a conversação

Desta forma, ao pensarmos nas funções dos gêneros presentes na conversação em análise, podemos considerar que definir o propósito dos gêneros, às vezes, não é uma tarefa simples. Essa dificuldade de definir as intenções pode ser relacionada ao fato de a conversação ser muitas vezes desvinculada de fins sociais amplamente reconhecidos e regidos por rituais mais formais.

Conversação: uma atividade de linguagem

Por tudo o que se observou até aqui, parece que não é pertinente dizer que a conversação é um tipo de texto ou um gênero. Então tipologicamente o que podemos dizer sobre ela? Antes de mais nada, dizer que um texto é uma conversação é tipificante, assim como dizermos que certas atividades nas escolas são um “seminário”, que algo é uma “assembleia” de professores, ou “sessão de júri” no fórum ou uma “aula”.

Parece que a conversação tem, como já sugerido por Travaglia et al. (2013), o mesmo *status* tipológico desses: uma atividade (tal como definida no item **Alguns aspectos teóricos e metodológicos**) de uso da língua que é realizada por meio de vários gêneros. Nesse caso, ter-se-ia que definir qual é o gênero de grandes partes da atividade conversação que não encontram

fácil classificação no que já existe na literatura de classificação de gêneros. Sobre isso, fizemos uma proposta no item **Conversação e gênero**, propondo a existência de um gênero que chamaríamos de comentário e que teria larga utilização nas conversações.

Considerações finais

Gostaríamos de destacar que, tendo o objetivo definir conceitos e critérios de análise da Linguística Textual e da Análise da Conversação, cremos que tratar dessa questão do estatuto tipológico da conversação é um tópico teórico importante que reconhecemos não ser de fácil resolução, mas que temos de enfrentar.

A modelização teórica que propomos aqui, a saber, que a conversação é uma atividade de linguagem realizada por vários gêneros, conforme o que se tem como conteúdo, é perfeitamente plausível. Todavia essa modelização precisa ser confirmada por estudos e pesquisas em *corpora* mais abrangentes.

A questão está posta. Espera-se a contribuição dos pesquisadores.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **A Linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, Jean-Michel. **Les textes**: types et prototypes – Récit, description, argumentation, explication et dialogue. Paris: Nathan, 1993.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad.: Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo** – Vol II: Diálogos entre dois informants. São Paulo: T. A. Queiroz Editor; FAPESP, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modo de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

JUBRAN, Clélia Cândida A. S.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos et alii. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do Português Falado** – Vol. II: Níveis de análise linguística. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 357 - 447.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 82).

NEGREIROS, Gil. As sequências textuais no gênero oral: análise de uma aula expositiva universitária. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 17, n.1. p. 179-203, jan./jun. 2015.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO Roxane (Tradução e organização). **Gêneros orais e escritos na escola** - Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (Orgs.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino** – Vol. II. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2007. p. 97-117.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA**, v. 51, n. 1, p. 39-79. São Paulo, 2007a.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: **Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET)**. Organizadores: Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo, Fábio José Rauen. - Tubarão: UNISUL, 2007b. p. 1297-1306. ISSN 1808-7655.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre a possível existência de subtipos. In: **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa: ABRALIN / UFPB, 2009. p. 2632-2641. ISBN 978-85-7539-446-5.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et alii. Gêneros orais – Conceituação e caracterização. In: **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1. XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1 a 8 ISSN: 2237-6607. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1528.pdf> (Co autores: Ana Maria Esteves Bortolanza, Cláudia Goulart Moraes, Eliana Dias, Maria Aparecida Resende Ottoni, Maria José da Silva Fernandes, Pollyanna Honorata Silva, Solange Aparecida Faria Cardoso, Regina Lúcia Félix, Valdete Aparecida Borges Andrade, Walleska Bernardino Silva).

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinário**. Barcelona: Paidós, 1983. (Cap. 5 – Superestructuras).

Recebido em: junho de 2019.

Aprovado em: julho de 2019.